



ENSAYOS LITTERARIOS

JORNAL

DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ACADEMICOS



DISCURSO

RECITADO PELO PRESIDENTE POR OCCASIÃO DA ABERTURA DO
INSTITUTO LITTERARIO ACADEMICO.

Srs., uma existencia de dous annos incompletos tem corrido à esconder-se na imensidão dos seculos, depois que concebestes e realisastes o pensamento de 23 de Julho de 1846, em que installastes o INSTITUTO LITTERARIO ACADEMICO. Filha da união que é a força, segundo a bella expressão do Sr. Laménais, caminhando vagorosamente, mas sempre em progresso vós tendes visto essa Sociedade apresentar alguns dos resultados proficuos, que tanto desejaveis, quando a saudastes em sua primeira aurora, perpassados de jubilo e receio contentes e satisfeitos pela apparição de idéa tão feliz, e timidos e receiosos, porque julgaveis que breve e ephemera devia ser a sua duração. Mas essa concepção nobre, esse pensamento grandioso que tinha um fim elevado e transcendente não definhou e morreo como a planta á mingoa de terra, que lhe dêsse vigor, e que a fertilisasse com seu succo vital: não, cheio de viço, orgulhoso de seiva vive no presente esperançoso de caminhar no futuro. E essa esperança, Srs., acolhida e alimentada por vós não deve esvair-se n'um prematuro sepulchro, porque vós bem sabeis que não é concluida a vossa missão, e que seu fim é ainda bem longe da actualidade. Obstade em seu caminhar por essas eventualidades que soem acompanhar o nascimento de toda a Sociedade. o INSTITUTO LITTERARIO ACADEMICO teve seus momentos de crise, terriveis sem duvida, porque parecião ser os seus instantes de agonia; porem cheio de vida, forte de vigor, qual a Phenix do deserto renascia dessas lutas, que parecião querer lançal-o ao abysmo: e hoje calmo e sereno attenta um brilhante porvir, divisa um ponto luminoso alem ao espaço, que envidando suas forças procura attingir. Modesto em seus primeiros dias e cingindo-se á discussão de pontos iuridicos, que erão ao alcance de vossa meditação, deo elasterio

aos seus trabalhos á proporção que caminhava firme pela senda que com difficuldade havia aplainado. Mas hoje esse terreno fofo que vieis a cada instante abater-se sob vós, inabalavel e seguro vos apresenta a estrada do progresso orlada de verdes corôas de hera, e os amigos da mocidade estudiosa e de esperança lá do sanctuario sagrado da sciencia vos dirigem palavras de animação e confraternidade. E' mister pois não desmedrar o intuito que absorveu o vosso pensamento, é mister não desanimar na carreira encetada, por que o passado Srs., é uma pagina de gloria inscripta á vossa memoria, e o presente uma corôa brilhante que adorna a vossa fronte e que deve honral-a para o futuro.

Vacillante nessas lutas em que o amor excessivo da instrucção combatia-se a si mesmo como se na arena houvessem dous terriveis contendores, o INSTITUTO cantava nessas occasiões o seu hymno de victoria, por que esse era o dia de sua mais luzente ovação, e de seu mais completo triumpho a prol do progresso. Foi d'esses periodos de crise que vistes surgir esse bello pensamento que deu amplitude áos vossos trabalhos estendendo-os da discussão de pontos juridicos á discussão de questões litterarias, em que o genio cheio de imaginação arroubava-se entusiasta despindo-se da magestade de que revestem-se as sciencias juridicas, e deixando de respirar sua atmospherá triste mas solemne, e profunda para lançar-se na região bem doce, e pura da litteratura. Ahi, Srs., novos louros forão colhidos pela intelligencia ainda no embrião do desenvolvimento, mas que já era viçosa de esperança, e de vigor, em seos resultados, e que já reflectia a utilidade que devia offerecer-lhe a arvore por ella plantada. Ahi, Srs., não raras vezes vistes o estudo cimentado pelo nobre espirito do progresso brotar fructos sasonados, e offerecer-vos a sua sucolenta seiva em remuneração de vossas vigalias, e trabalhos: ahi não raras vezes vistes o amor da sciencia, e a confraternidade harmonisando-se entretecerem uma grinalda viçosa, e d'ella nascerem ramos floridos, que era bello vê-los enlaçados como se filhos fossem de um mesmo tronco, como se hasteas fossem de uma mesma planta; ahi não raras vezes alguns raios d'essa pleiade, que augura um porvir de oiro e brilhante á nossa patria vos encherão de entusiasmo, e de nobre orgulho, cõando em vossas veias o amor á sciencia, unico incentivo, que conduzirá ao progresso esse paiz de que sois filhos, e filhos que sabem dedicar com nobreza suas affeições.

Mas não finarão-se aqui, Srs., os factos culminantes, que constituem a vida historica d'esta sociedade: uma epocha fertil de novos pensamentos, filha de novas necessidades veio augmentar ás paginas de sua existencia: uma epocha sem duvida mais illustrada, generosa, e por ventura mais brilhante veio exigir novos sacrificios, e vigalias, veio absorver todo o succo da vossa intelligencia. O INSTITUTO LITTERARIO ACADEMICO não contentando-se com o recinto estreito em que se encerrava; almejou um espaço mais

amplo, lançou-se na senda do jornalismo! E então um jornal litterario trabalhado e bem pensado quanto era possível a forças fracas e inhabeis ainda para tão ardua tarefa, veio a luz do dia para recober conselhos e animação dos homens da sciencia, e para instrucção d'aquelles que por ventura não estivessem ao alcance de seus primeiros rudimentos: um jornal litterario que tinha um fim nobre e justo veio alistar-se no numero de seus irmãos mais velhos, fraco e mesquinho caminhando pelo difficil accesso do templo da sciencia para tambem collocar sua pedra na pyramide da civilisação de nosso paiz, de nosso paiz que deve ser o vosso sonho de todos os dias, o vosso pensamento de cada instante, o alvo dos vossos exforços. Fraco e sem vigor luctando com difficuldades innumerables começou sua vida em Setembro do anno passado, fraco e sem vigor principiou sua carreira cheio de acanhamento e destituido de brilho offuscante, mas nobre em seu fim, elevado em sua vontade, e louvavel em seus desejos; fraco e sem vigor deu um passo timido e receioso pelo labyrintho da sciencia procurando o fio que o dirigisse ao seo sagrado sanctuario. E hoje Srs. deveis encher-vos de ufanía, porque ainda sem as necessarias condições ja o jornal filho de vossas locubrações tem recebido expressões lisongeiras de animação dos amigos das cousas patrias. E' preciso agora que compenetrados d'esse nobre enthusiasmo, e possuidos de generoso sentimento vos lanceis com todo o afan nessa difficil empresa, que envideis vossas forças e genio para consecução e realisação de tão ardua tarefa. A imprensa Srs., esse sexto sentido da humanidade conforme a denominou Sieyes, esse poder immenso que governa o Estado quando não é reunido o parlamento, segundo dizia o celebre Canning, esse movel poderoso que reúne os homens e as idéas é cheia de difficuldades e obstaculos; tem juizes em todas as classes da sociedade desde o ultimo proletario até a sumidade mais elevada. E' necessario pois vontade e vontade resoluta para vencer-se seo terreno espinhoso: é necessario genio para que seus exforços não sejam vãos e perdidos na imensidade das illusões, e para que seu fim tenha realidade. Hoje vós tendes socios auxiliares que vós vem prestar apoio, tendes nomes illustres pelos seus talentos e luzes que vem aliar-se sob a bandeira d'esse pensamento grandioso que açolhestes e fizestes fructificar com o suor de vossa frente: tendes jovens de esperanças, que unem-se a vós para auxiliar vossa nobre empresa. Agora não vos desanime, Srs., essa critica que vos inculpa, porque é filha de homens que não podem vêr com prazer empresas uteis, de homens que não querem que medre em nosso paiz a arvore do progresso, porque finalmente, Srs., essa é a critica dos zoilos. E não é, Srs., a similhante tribunal que devemos submetter-nos, mas sim ao juizo franco e illustrado do publico sensato.

Srs., até aqui temos desprendido o pensamento sobre o pas-

sado, temos esboçado mesquinamente a vida historica d'essa Sociedade; e agora permitti que eu vos falle por um pouco do futuro, não do futuro do INSTITUTO LITTERARIO ACADEMICO que já deveis predizel-o, mas sim do futuro de uma sociedade maior e mais ampla, do futuro emfim, Srs., da Sociedade Brasileira.

Srs., em todos os povos um facto apparece, que a experiencia vos deve ter demonstrado, e esse é que o progresso é sempre impellido pela mocidade: é ella sempre a primeira a lançar os germens da civilisação, a primeira sempre a regenerar o paiz. Quando, Srs., as duas ordens mais elevadas da França a nobreza e o clero succumbião e cedião o primeiro logar ao povo que outr'ora constituia o terceiro estado, o movimento revolucionario recebeu o impulso d'essa mocidade, em cujas grandes cabeças revolvião-se as idéas da regeneração social. Forão os Barnaves que produzirão esse systema que cinge as nações mais civilisadas, forão elles que lançarão esses raios que illuminão hoje todo o orbe. Factos identicos e de condições similhantes deveis ter encontrado na vida historica de outros povos, nos annaes da humanidade: e bem harmonico com elles é o que hoje vos offerece a Sociedade Brasileira.

A quadra actual Srs. é uma quadra de movimento, de movimento litterario que a mocidade creou e anima com seos sentimentos generosos; é a quadra precursora de um futuro brilhante, de uma civilisação que nasce e que caminha á passos de gigante para um porvir cheio de esperanças. Quando o Brasil, Srs. arrojando de si as algemas coloniaes saudava a liberdade e pugnavia pela sua emancipação politica, ja pelo curso ordinario das cousas humanas podia ser deduzido esse pensamento, ja podia julgar-se de seu futuro, por que os factos vão succedendo-se na mesma ordem, como se elos fossem de uma mesma cadêa.—Fraca e vacillante, mas nobre e orgulhosa a associação Brasileira caminhava timida e receiosa pela estrada que lhe havia mostrado a sua independencia: fraca e vacillante dormio a somno solto cansada de seu passado de gloria. Porem hoje Srs. o gigante acorda de seo lethargo, a aguia abandona o rochedo arido onde era pousada, e ei-la a esvoçar na imensidão do espaço. A mocidade Brasileira nobre e intelligente lavra com exforço o campo do presente e d'esse campo hade germinar uma arvore frondosa, que deve com o tempo abraçar o espaço imenso contido entre o Amazonas e o Prata, que hade acolher sob seos ramos uma associação inteira. E então Srs. dirigida pela sua mocidade ao templo do progresso nossa patria não desmentirá as estrêas do presente, nem se olvidará de seo passado de gloria e renome.

S. Paulo 15 de Março.

Direito Publico Constitucional.

(Continuação do N.º antecedente.)

Qual a garantia da liberdade nas eleições? O que é garantia? A força publica e a opinião publica não garantem a liberdade do voto. Esta garantia acha-se nos collegios eleitoraes: requisitos essenciaes para taes collegios serem uma garantia. Como compol-os? Tres opiniões a respeito. Erro do systema de igualdade absoluta. Eleições indirectas: falsidade deste systema: seus vicios: exemplo do Brasil. O systema de eleições directas é o unico verdadeiro.—Conclusão.

Toda garantia presupõe uma força, por quanto destinada a manter o gozo tranquillo de algum direito, cumpre que tenha os meios de repellir as tentativas que por ventura se façao para perturbal-o: garantir um direito não é realmente mais do que crear uma força capaz de proteger e defender a posse deste direito

Na Sociedade existem duas forças em acção permanente — a força publica — e a opinião publica — ambas são consequencia necessaria do estado social; porem de naturezas oppostas, e nascidas de origens differentes ellas obrão independentemente uma da outra. A força publica acha-se entre as mãos do governo: a sua missão na Sociedade é manter a ordem, e defender cada cidadão sempre que a sua segurança e a de sua propriedade se acha ameaçada, ou tem sido atacada: a força publica é pois uma garantia do bem estar social: mas esta força recebendo, como recebe a sua impulsão do governo, não pode ser uma garantia quando se trata de assegurar a liberdade de voto contra os abusos do governo, e longe disto, ha mais um meio de oppressão para o povo. A opinião publica no estado actual da civilisação é uma verdadeira força, e exerce uma influencia inquestionavel; porem a opinião publica por sua natureza não é propriamente uma garantia: a opinião publica estigmatiza, condemna, e censura os abusos do governo, como todos os mais, e pára nisto; não impede que esses abusos sejam commettidos; apenas julga-os com a devida severidade quando ja consumados, e conhecidos, e conhecidos, isto é quando já são irremediaveis. Não diminuimos a importancia da opinião publica; reconhecemos pelo contrario que ella é imensa; suas sentenças são terribes, e fazem muitas vezes tremer os governantes quando bem pronunciadas; designamos unicamente os limites da sua acção, e observaremos que a sua influencia ás mais das vezes é contrabalançada pelos partidistas do governo.

A garantia da liberdade nas eleições não póde pois achar-se na força publica, visto que é o governo quem della dispõe, nem na opinião publica, porque esta sempre declara-se depois de practicado o facto contra o qual se dirige, e

tambem porque raras vezes reúne o gráo de força precisa para fazer temer uma explosão, unico motivo que move o governo a conformar-se com ella.

A garantia da liberdade nas eleições deve-se encontrar em uma força de tal sorte organizada que possa nullificar os manejos do governo, e resistir-lhe sem pôr a segurança da Sociedade em perigo. Esta força nós a encontramos na organização da collegios eleitoraes compostos de homens, que sejam bastante independentes para que seu voto se mostre puro de toda a mancha; que tenham um interesse real pelo bem publico para que votem com toda a circunspecção; e sobre tudo que sejam em grande numero para que ahi não possam reinar a seducção, e a intriga-

A difficuldade toda consiste em descobrir os meios de obter collegios assim compostos: as opiniões que a este respeito existem são tão oppostas que é impossivel conciliar-as. Deve-se chamar indistinctamente todos os cidadãos á eleição directa de seus representantes? Deve-se chamal-os á nomear eleitores que depois procedão á eleição directa? Ou deve-se unicamente encarregar da eleição directa á aquelles cidadãos que por seus teres garantem a sua independencia, e o seu interesse pelo bem publico?

Os partidistas da igualdade absoluta entendem que nem um cidadão deve ser excluido do banquete eleitoral; para elles é incontestavel que o direito de eleição pertence á todos, e não lhes póde ser tirado sem injustiça. Nós por certo que não somos aristocratas, nem amamos a aristocracia, tanto do dinheiro, como do poder; desejamos o bem estar da classe pobre, e trabalhadora da sociedade; quizeramos poder aliviar os males e a oppressão, que sobre ella pesão; e mesmo que ella pudesse gozar de todos os direitos politicos: mas em verdade é um absurdo semelhante pretensão.

A escolha dos Representantes da Nação é um acto extremamente delicado, e de grande importancia; para tomar parte nelle cumpre que se tenham meios de viver independente da vontade de quem quer que seja; e alem disto que se tenha mais ou menos conhecimento das necessidades e interesses de seu paiz. Ora, que garantias offerece de sua independencia um homem, ainda que cheio de sentimentos elevados, que por falta de trabalho, pode de um instante para outro perecer á mingua ou ser reduzido á esmollar o pão de cada dia para si, sua mulher, e seus filhos? Como ha-de um pobre trabalhador conhecer a necessidade de sua patria? Elle, que constantemente preocupado com as suas proprias, apenas tem o tempo de esquecer-se que uma doença pode lançal-o nos braços da charidade, ou na sepultura?

E' certo que todos os cidadãos são iguaes, porem não é absolutamente: a igualdade é a justiça distributiva; a igual-

dade entre os cidadãos não consiste na identidade das posições, e vantagens sociaes; consiste na aptidão de cada cidadão adquirir essas posições, essas vantagens, segundo os meios, e as faculdades de que é dotado.

Não ha portanto injustiça alguma em excluir da eleição todos aquelles que segundo sua posição suppõe-se não possuir a aptidão necessaria para fazer uma escolha livre, e calculada conforme as necessidades da Sociedade. Notemos tambem que não nos recordamos de Estado algum por mais democratico que seja, onde o direito de votar tenha sido tão amplamente concedido.

Uma vez reconhecido o principio de que para segurança da Sociedade cumpre que não seja o direito eleitoral conferido indistinctamente á todos os cidadãos, ainda resta uma questão á decidir. Deve-se fazer os cidadãos escolher entre os que estão habilitados para serem eleitores um certo numero que procederá á eleição dos Representantes, ou deve-se encarregar desta eleição á todos os que estão habilitados para serem eleitores sem restricção? Deve-se estabelecer o systema de eleições directas, ou de eleições indirectas?

Nas eleições indirectas o poder de votar para eleitores é conferido a um grande numero de pessoas; ahi votão não a totalidade dos cidadãos, mas a maior parte d'elles, todos aquelles que, por seu trabalho ganhão meios, ainda que parcos, de subsistencia: por isso este systema é preferido pelos deffensores da igualdade absoluta, e por alguns que julgão ser elle a realisação do povo.

E' um erro bem extranho este. Qual a razão porque em vez de confiar-se ao povo a eleição directa de seus representantes, da-se-lhe unicamente o direito de escolher aquelles que os hão-de nomear? E', dizem, porque o povo pela estreiteza de suas relações, e pouco alcance de sua intelligencia não pode conhecer e avaliar a capacidade daquelles que merecem, e devem ser os seus Representantes. Causa admiravel! Pois o povo tem relações bastante extensas para conhecer cem, e mais cidadãos capazes de serem eleitores, e não póde conhecer um só digno de ser seu representante? Não é isto uma irrisão? Quem não sabe que uma capacidade elevada é mais geralmente conhecida em qualquer povoação, do que duzentos homens mediocres?

Não concebemos como se possa encherger a realisação da soberania do povo em um systema de eleições, em que o povo não elege, mas apenas designa aquelles que hão-de eleger seus representantes; em um systema de eleições que em vez de augmentar o numero dos eleitores para que a representação seja o mais nacional possivel obriga-se o povo á reduzil-o com o pretexto de conceder-lhe o gozo de

um direito politico; em um systema de eleições em que este pretendido direito politico é um presente fatal de que só pode aproveitar o absolutismo, pois que longe de fortalecer o povo, é uma arma com que elle mesmo é forçado a ferir-se.

De facto, obrigar um povo á excluir das eleições a maior parte daquelles de seus membros, que podem ser eleitores e querer lhe persuadir ao mesmo tempo, que se lhe confere um direito, não é, como diz um sabio Escriptor, pretender que se concede um direito a aquelle á quem se ordena que corte um braço, pela razão que se lhe permite escolher o unico braço que se lhe deixa conservar? Em nossa opinião só é direito politico aquelle de que o cidadão goza com conhecimento de causa, e cujos beneficios se apresenta claramente á seu espirito. Com que conhecimento de causa pode hm cidadão votar em um ou outro para eleitor, si elle não sabe quaes serão os escolhidos por este, e não poderá por tanto avaliar o resultado de seu voto? E como em eleições posteriores poderá elle retirar a sua confiança de um homem, que, elle ignora se votou bem ou mal na eleição anterior?

O systema de eleições indirectas não só realisa a soberania do povo, e nem lhe confere direito como tambem não offerece as garantias precisas para que a eleição seja livre. A redução do numero de eleitores pela votação, chamada do povo, torna o collegio eleitoral pouco numeroso, a por tanto accessivel á seducção; é sabido que em Assembléas compostas de poucos membros, a intriga e os empenhos dominão absolutamente, e suffocão a razão: por isso as verdadeiras capacidades ahi nunca são escolhidas, porque a capacidade e o merito peção-se de triumphar empregando meios indignos. Em Assembléas numerosas as indignidades, e vilezes ou não apparecem, ou são mais comedidas, porque receião serem vistas por muitos.

Um outro inconveniente talvez maior, ainda existe: o direito de votar para eleitores é conferido á um grande numero de pessoas que não offerecem as garantias de independencia; sobre estes a acção do governo faz-se sentir com o pezo: o recrutamento, a prisão, os processos, e mil outras arbitrariedades são meios, com que se retém aos que não cedem á promessas de empregos ao dinheiro, e á intriga. O povo reunido em massa, ou em grande numero, é forte, tem sentimentos os mais patrioticos, e elevados; mas cada um de seus membros isoladamente é fraco, poucos dn entre elles terão bastante energia para resistir; poucos levarão a dedicação á ponto de soffrerem immensas amarguras por causa de um voto, e ainda mais de um voto para eleitor! Não ha segurança nem-uma em acreditar na inde-

pendencia de quem não tem recursos para fazer prevalecer o seu direito contra a prepotencia do governo.

Não se pense por tanto que as garantias, com que a lei, que regula o modo practico de proceder-se ás eleições, julgar dever fortalecer o povo, sejam sufficientes para remediar á tantos males: o systema de eleições indirectas é por si mesmo vicioso; sirva de exemplo o Brasil.

Que de recursos não encontra o cidadão contra os agentes do poder na lei de eleições publicada durante a legislatura passada? Quem não esperou vêr uma eleição livre? Pois bem, esta lei foi posta em execução: a experiencia acaba de pôr-lhe o seu—visto—; e sem deixar-se de ser imparcial pode-se assegurar que mais uma dolorosa decepção veio augmentar o numero das muitas com que mãos fados tem perseguido a nossa presada, e tao esperançosa patria. Não tomamos partido por nem-um dos lados politicos; e dando mesmo por mentiroso quanto por ahi se diz, ainda assim numerosas peças officiaes impressas e não contestadas provão que apesar das mulctas, dos Conselhos Municipaes, dos recursos ás Relações, e tantas outras garantias — fructo de bem pensadas vigalias, a fraude appareceo.

O Governo Brasileiro não podia escapar á condição de todo o Governo. O Governo qualquer que seja, sempre é assim; nunca perde a occasião de ingerir-se em negocios de tanto interesse para elle, como este de eleições. Novo Protheo elle toma todas as fórmãs, e consegue mostrar por toda a parte o seu asqueroso vulto: ora seductor elle acaricia com mil engodos aos que são bastante vis, que se vendão; ora brutal e violento elle encarcera, processa e recruta a outros; ora terrorista elle ameaça, e desenfria a populaça para intimidar aos mais recalcitrantes. E como garantir contra tantos meios de acção, quando os Representantes escolhidos pelo Governo, hão de approvar todas essas fraudes, todos esses escandalos, por isso mesmo que d'ahi nascerão?

Com o systema de eleições indirectas é forçoso renunciar-se á liberdade de voto; não ha meio algum de garantil-a; e ainda quando por um phenomeno admiravel os collegios eleitoraes fossem filhos legitimos do povo; nem por isso farião elles boa escolha, porque a sua votação se resentiria necessariamente das intrigas, e das paixões mesquinhas, que de ordinario predominão em Assembléas pouco numerosas.

Acoptando-se porem o systema de eleições directas todos estes inconvenientes desapparecem: a omnipotencia eleitoral é confiada sem reserva á aquella parte da Sociedade para quem a ordem, e o bem pblico são uma necessidade; o direito de eleger posto ao abrigo das eventualidades de uma eleição toda falseada, o eleitor, certo de

exercel-o, meditará cuidadosamente sobre a marcha dos negocios para dirigir-se em suas escolhas; nascido no meio do povo, e tirado do povo elle conhecerá as suas necessidades, e fará remedial-as, porque é este o seu proprio interesse; bastante rico para arrostar as ameaças do Governo elle poderá deffender-se das injustiças, com que este por xentura o acabrunhe; reunido a um grande numero que tem o mesmo direito que elle, a sua escolha não será ditada pela seducção, ou pela intriga, e sim pelo merito, porque não haverá outros meios de corrupção que possam fazel-o esquecer, e si acaso algum houver polluido, será como si não existisse, porque não influirá sobre os mais; será como que um ponto negro lançado no espaço, que mal apenas se divisa.

O systema de eleições directas é em nossa opinião o unico que em verdade realisa a soberania do povo: é o unico que póde produzir uma Representação verdadeiramente Nacional.

R. F.



UM RECORDAR.

Enfant rêve encore
Dors, ó mes amours!
Ta jeune âme ignore
Où s'en vont tes jours.

Ella dorme descuidosa do mundo que a inveja, dorme deslembrada do torturar das angustias, do soluçar da alma nas oras da soledade, dorme como o anjo baixado do céu a coar no coração afflicto o orvalho da esperança.

Pelos labios de jasmin lhe erra como a medo sorrir donozo; são os canticos de innocencia desferidos de harpas eolicas por mãos de anjos, são as preces do céu para ella mimosa flor da terra; são os sonhos de virgem a deslisarem-se placidos e quedos como o beijo do zephyro na roza da manhã.

Dorme, dorme, que há em ti um pensamento todo do céu nesse dormir de virgem, lirio do valle inda não quebrado pela rajada do nóto, dorme, que não forão para ti creados os horriveis pesadellos nos quaes se debate o infeliz no seu sonhar de dores: não para ti o tormentoso labutar entre a existencia e a não existencia, entre Deos e o nada, horrivel desesperar da vida, oscillação medonha eutre o passado que se perde n'uma lembrança, e o futuro que se alonga na incerteza: não para ti o procurar o doce sorriso

de mãe, esperança do céu na terra, nos labios de outrem.. nos labios de outrem gelidos como o sepulchro ou perfidos como o oceano. ao despertares a primeira lagrima, o primeiro sorriso a primeira caricia é de tua mãe, santa e dedicada como toda a mae, o primeiro descerrar de teus labios é uma oração sussurrada baixinho a confundir-se com a brisa que sobe, sobe até Deos.

Virgem de meos sonhos apparecida na terra como o anjo de dór cercado de ruinas e desolação, a dar-me um sorriso de esperança, uma lagrima de tristura nas oras negras de minha agonia solitaria: anjo que infiltras n'alma esse amor santo e puro que sem esforço troca a terra pelos céos n'um sonhar de venturas serei eu o homem feliz que o colha em teos labios. vingará no arido sólo do meu peito rosa tao bella e querida por ser a unica? Ah! se um arfar d'esse lacteo peito, se uma lagrima d'esses olhos amortecidos. se um nome d'esses labios entreabertos, um nome a fugir rapido entre sonhos, me revelasse um misterio, se ae despertar-te com meus beijos, um sorriso em troco recebesse, sorriso d'anjo... oh! as fontes salobras do deserto. a sombra da palmeira no ardor da sésta não seriao tão bem vindas, ao viajor cansado! Illusão, illusão, em illusões se evapora a existencia! lonco que no mar tsmpestuoso da vida inda crês vêr surgir de entre a escuridão das procellas uma estrella solitaria; ruina viva inda julgas vêr nascerem rosas que te engrinaldem de seus festões, ai! para ti nem os goivos que ao chao dos mortos se afferrão, nem os cardos que ás duras rochas se apegão. Estanque o manancial dos praseres doces, a sós entregue com o pensamento horrivel que te cava a sepultura, vivirás na torturar continuo da desesperança, sem amparo e conforto, como nú, despido madeiro á mercê das tempestades no seu rugir medonho!

Meu Deos, meu Deos! tudo se ha tornado arido nesta vida de amargores, tudo me ha fallecido neste peregrinar tão longo e tormentosa, oh! poupa esta flor a unica que me fica do jardim do passado, a unica que me faz ter saudade da vida, a ulica não empestada pelo veneno da perfidia.

Dorme, dorme ó meu anjo, que alem vou finir-me na saudade, na dór de te não vêr, alem vou carpir magoas, duvidar de tudo menos da tua innocencia, tu a quem amo como amára uma irmã no seu sorrir infantil, uma mãe no seu beijar de ternura, uma esposa no seu abraçar de despedida! — irmã, mãe, esposa adeos! — se o pensamento atravessa o espaço, se o soluçar de uma alma se corresponde com o soluçar de outra, um dia talvez, sim um dia serás docemente atormentada por esses sentires vagos e misticos, cuja significação embalde julgarás encontrar na terra; alça ao céu teus bellos azulados olhos, lá verás pallida moribunda

estrella a sorrir tristemente para ti; essa estrella será minha alma, a contemplar-te silenciosa e muda: então te recordarás do ente que desconhecido chorou na vida sem alguém que lhe enxugas as lagrimas, e morreu sem um peito que lhe recolhesse o ultimo suspiro humido de amor e saudade, e recordando-te balbuciarás uma prece d'essas que murmuravas ao despertar, e orvalharás com uma lagrima os murchados goivos de sua solitaria campá.

II.

Tu foste para mim bem como a aragem
Qu'apenas roça um funebre cipreste!
(S. Souza).

Ah! eu tenho lembranças quando ouço o ciciar da briza resvallando pela folhagem negra, quando escuito a cristalina fonte soluçando amores pelas areias fulvas.

Ah! eu tenho lembranças quando o crepusculo baixa a roçar-me de suas azas o coração dorido retratando nos vapores imagens que tanto amei..... e ainda amo!—e lagrimas se deslizão silenciosas pelas faces crestadas pelo ardor do pranto, e um pensamento resumindo o passado inteiro retalha-me o intimo d'alma com dores nunca sentidas; e o coração chagado verte sangue que antes fel se chamara.

A natureza é então um sonho como a vida; o passado um echo doloroso; o presente van palavra que como a palha o vento leva, e o futuro... misterio negro que gela o sangue, e o pensamento entorpece.

E minha alma nestas horas de soledade, triste como um céu anoitecido onde estrella não brilha, ama as lugubres harmonias,—ama o soluçar da fonte—o gemer da briza—o morrer da tarde—porque tudo desperta um desejo—o de morrer também! O' e quão doce não seria morrer agora:—morrer com o ultimo suspiro do crepusculo—morrer com as melancolicas hármonias da natureza que adormece.

E tu meo anjo nesta hora também adormeceste—quão diversa d'outrora—para nunca mais acordares: tuas palpebras pesarão como o chumbo, teos labios desmaiarão como o lirio, teu coração esriou como a lousa.

Ai! sem um pranto que me lucrasse as cinzas; cerrarão-se teos olhos antes que a lousa sobre mim baixasse!

Oh que não adormeci a teu lado mudo e frio!—só fiquei na terra para chorar-te!

Como és triste, ó minha vida, desamparada de todos á sós com lembranças que matão.

E com tudo ó meo Deos, é nestes momentos que me apraz o viver, que louco de dor, tresvariado o pensamento, sonho no céu o anjo que tanto amei cá na terra, anjo de tristeza a sorrir-me por entre lagrimas de saudade.

E minha alma se desliga da terra que a repelle, e sobe a ter com o anjo do céu; e lá em doce abraço, confundindo meos suspiros com os della n'um beijo doloroso — eu tenho vida por que vivo com a dor!

C.

A' MORTE PREMATURA

Do Illm. Sr. Joaquim Antonio Pinto Peiroto.

Narceu como uma aurora apavonada
Ao som dos hymnos matinaes das aves,
Rutilou como o sol ao meio-dia,
Cahiu como crepusculo sombrio.

(Magalhães).

Onde a luz do cometa sanguinoso
A' surgir n'orisonte auri-purpureo?
Brilhava o nucleo seu; — ignea melena
O firmamento pavido alastrava! —
E foi tão curto o perpassar d'espanto,
E correu.... chamejou.... e alem sumio-se!...
— Foi pompa seu nascer, luto sua queda:
Não foge mais veloz relampo ethereo,
O negrume do céu rompendo á custo;
Nem metheoro de luz sulcando as trevas,
Que lá se-enterra na balisa extrema
Do ennegrecido orisonte, e ali soberbo
Grandioso ao morrer no mar se apaga.

La se-perdeu.... la se-perdeu n'ocaso....
Mas inda lá ficou listrão de fogo,
Que o correr deslumbrante ufano attesta:
Saudei-o quando a aurora bafejou-o,
Hoje o pranteio porque a noite o cobre
Com véo ferruginoso.
Podesse eu balouçar-me n'esses astros,
A extrema divisar onde estacaste,
N'um paramo de luz beber alentos!!!

Morreu—morreu tão cedo!—a morte impia
No amanhecer da vida tão donosa
Furibunda sorriu, quebrou-lhe o encanto!
— Mancebo que a esperança enriquecia

Tão cedo morto no verdor dos annos!...
 Nos labios d'oiro borbuhlava o genio,
 Os vivos olhos fuzilavão raios,
 Na mascula cabeça refervia
 Altaneiro pensar, ideias hardidas,
 — Como em larga cratera ondas de fogo;
 Em sua frente o talento erguia um throno,
 Tinha um sorriso á descobrir ingenho,
 No rosto agitação, na voz prestigio....
 — Tudo a morte roubou!...

Era uma flor d'aromas perfumada,
 Rorejava-lhe o orvalho matutino,
 Em torno d'ella esvoaçavão brisas
 — A' enfeitiçar d'amores;
 Mas o pegão da noite debruçou-a,
 A aza do bulcão crestou-lhe o viço,
 As graças lhe-turpou halito infecto:
 Eil-a esmyrrada e secca!

Era um sol, que doirava as bronzeas grympas
 Das encimadas rochas magestosas,
 Assombrado clarão vertendo ao longe,
 Saudado pelas aves;
 Flamejou a procella:—os ocos raios
 Das trovejadas nuvens estostrarão;
 E o sol apenas nado—e já tão bello
 Sepultou-se n'oceano!

Affecto de minh'alma—ó meu amigo!
 Hoje é duro teu leito—é terra apenas!
 Tepido pranto de offegante peito
 Em vão por ti soluça, em vão te chama:
 O marmor do sepulchro immoto é sempre;
 Nem a lagrima quente da saudade
 Derrete o gelo que te-esfria o corpo,
 Nem desmaia os setins d'austera morte:
 — Sella o mysterio a lapida do tumulo,
 E o martyrio da vida é sempre um sonho
 De illusões branqueado!

Ahi n'esse arraial onde te-acampas,
 — Onde frios cadavr'es se-amontoão,
 E roem podres carnes rubros vermes,
 — Horrida escuridão ergue o seu throno;
 Ahi reina o silencio—rei das trevas,
 A transição talvez solemnizando,
 Que abre lucida senda á insana lida,

Desfeita esta chrisalida terestre:
 Nem lisongeiro engano nos embala,
 Como a vaga do mar baixel sem rumo,
 Como a folha boiando em veia argentea,
 Que rapida se-escoa entre fragedos.

Oh! quem me-dera ao menos um instantes
 Ser da saudade o actro merencorio!
 Eu viria com luz enterneçada
 A lagem fria pratear do tumulo,
 Enfiar o mais brando de meus raios
 Pelas ogivas de teu mudo templo,
 E pairar sobre a louza que te-cobre!

Mas ja não valem ais—baldos gemidos
 Na pedra tumular em vão se-esbarrão!—
 Ja teu corpo é da terra, que te-envolve;
 E' tua alma do céu—e só teu nome
 Em pagina doirada hade inscrever-se!—
 Elle só nos-ficou—nada mais resta....

Falla assim a verdade:

Era immenso teu brilho para os homens;
 Cegava os olhos, deslumbrava as vistas;
 Quiz Deos levar-te p'ra mansão etherea,
 E á teu perfume—ó flor ja decotada,
 Festivaes seraphins ajuntão halitos
 La n'estancia suprema!—

Esperança, candura e mocidade
 Forão tão cedo rebolcar na campa;
 A rosa inda tão bella ao desbrochar-se
 Em donosa alvorada se-ha murchado!...
 O lyrio melindroso não tão lindo
 No deserto educado—e filho d'elle,
 Requeimado ao ardor de um sol de fogo,
 Mais breve não inclina a langue face
 P'ra morrer desmaiado e murcho e secco
 Em seu ermo torrado!!!

E eu não pude si quer, meu sancto amigo,
 Mesclar ao um ai de morte um ai de vida,
 E eu não pude nas vascas d'agonia
 Dizer-te um triste adeos—molhado embora
 No fel d'angustia amarga,—extremo abraço
 Da vida ao despedir choroso dar-te!—
 Oh! que importa?—teu corpo a pedra occulta;
 Tenho tua voz que falla-me constante,
 Como no infindo espaço aerea nota,

Tenho teu rosto retratado em sonhos,
E vejo-te no céu.

Ai que futuro lindo a morte esmaga!
Ai que triste acordar de um ledo sonho!
Quanto riso de mãe trocou-se em pranto!!...
Quanta alegria converteo-se em magoas!!...
Quanta esperança transmutou-se em dores!!...
Desmedido gigante elle assombrava
N'aurora de sua vida;—e foi tão breve
A louza do sepulchro sotterral-o
No lobrego jazigo! — oh que mysterios
Um sarcophago encerra!

† † †

O sonho e a vida.

I.

Eu sonhára uma virgem formosa
Innocente, pudica, e singella,
Qu'escutando meos votos d'amal-a
De rubor se tornasse mais bella.

II.

Era um anjo qu'eu via em meo sonho,
Nos meos labios a voz se prendia;
Em meo peito sagrava-lhe um templo
Em segredo, e nem ella o sabia.

III.

Profanal-a! dizia, ó meo Deos,
Nunca, nunca — melhor é morrer,
O' meo anjo s'abrir-te minh'alma
Has-de os olhos á terra volver.

IV.

Ha-de o seio bater-te com força,
Rubra côr ha-de as faces tingir-te;
Não, não quero tisar-te a candura,
E's tão bella innocente a sorrir-te!

V.

Hei-de amal-a assim mesmo em silencio
E talvez que o perceba algum dia;
Sem remorsos então, si ella amar-me
O' ventura celeste ! eu dizia.

VI.

Eis bem cedo julguei sobre a terra
Tel-a achado — não sei que senti,
Sei somente que disse — é tão linda,
E' meo anjo qu'em sonhos eu vi.

VII.

E não pude a minha alma esconder-lhe
Que o silencio meo peito quebrava,
E confuso cheguei-me ao pé d'ella
Nem sei como lhe disse qu'a amava!

VIII.

Mas a linda visão me illudira,
Tinha d'anjo os contornos somente;
Não, não era qual vira em meo sonho
Virgem pura, singella innocente!

IX.

Sonha, sonha portanto ó minh'alma,
Nem te acorde a illusão da existencia,
Já que em sonhos apenas te é dado
Vêr teo anjo ideal de innocencia!

* *

A IGNEZ.

Traducção de Lord Byron no 1.º Canto de Child-Harold.

I.

Não mais sorrias á esta fronte turva.
Ail — não posso pagar-te o teo sorriso;
Praza no entanto ao céo vedar-te as lagrimas!
Praza ao céo, que jámais de balde as vertas!

II.

Conhecer queres que desgraça occulta
 Juventude e prazeres me envenena?
 Porque buscas saber que dor me punge,
 Si mesmo tu não podes mitiga-la?

III.

Não me obriga o amor, nem mesmo o odio,
 Nem da baixa ambição perdidas honras
 A' praguejar meo fado, abandonando
 Tudo o que eu mais prezava sobre a terra.

IV.

E' este horrivel tedio que me inspira
 Tudo o que vejo e ouço. A formosura
 Cessou de me agradar; teos proprios olhos
 Conservão para mim encanto apenas.

V.

E' a sombria dôr que acompanhava
 O fabulado Hebreo no mundo errante:
 Temo os olhos lançar alem da campa;
 E entanto n'ella só repouso aguardo.

VI.

Que exilado evitar póde a si proprio?
 Inda mesmo nos mais remotos climas,
 Persegue-me o flagello da existencia,
 E o terrivel Demonio — o Pensamento,

VII.

Gozem outros arrôbos de delicias,
 E em paz desfructem tudo o que abandonoi!
 Oxalá que aos seus sonhos de ventura
 Mais feliz despertar os céos lhe fadem!

VIII.

Sou condemnado a errar por mil paizes,
 C'o anathema horroroso das lembranças:
 Meo consolo ao soffrer desgraças novas,
 E' que a maior de todas já ferio-me.

IX.

Que desgraça esta é. — Ah! não me inquiras;
 Por piedade; sim, não me interrogues:

Continua a sorrir; rasgar não busques
O véo de um coração que occulta o inferno.

J. C. de M. e S. J.

Ella

Raça infame da viboras dolosas,
Pudesse uma só uáo contêl-as todas,
E o piloto fosse eu.....

(CASTILHO).

Eu dormia no somno da noite,
Eu sonhei, oh meu Deos que magia!
Era a virgem trajada de neve,
E hum sorriso dos labios pendia,

Tinha a fronte c'roada d'estrellas,
A seus pés se curvavão amores,
Era planta trasida do Eden,
Era um anjo de graça, e primores;

E roçou-me na face seos labios,
Despertei—era hum sonho—passou—
E o beijo da virgem celeste,
Na illusão do momento acabou;

E qual astro de nevoa embaçado,
Sua imagem na mente perdida,
Era ideia sem typo na terra,
Atirada ao acaso—sem vida—;

E hum dia no albor da manhã,
Junto a hum lago em soluços eu via,
Qual aurora surgindo das agoas,
Hua bella que as magoas carpia;

Era a virgem que a pouco sonhára,
Os seus olhos fallavão sem véo,
E seus labios filtravão-me n'alma,
N'um só beijo as delicias do céo;

Eu amei esse mimo de Deos,
 E em troca uma palma eu colhi,
 Era o collo da filha dos anjos,
 Reclinado a meu collo qu'eu vi,

E o futuro pejado d'encantos,
 E o presente—era della—era meo—
 E o passado qu'eu vira tão negro,
 Das lembranças do cahos se perdeu:

E ella era pura
 Qual brisa do céo,
 Qual riso d'infancia
 Qual noite sem véo.

E a negra madeixa
 Que o vento agitava,
 Co'as neves do seio
 Brincando as beijava;

E ella era meiga
 Qual rola chorosa,
 Mais linda, e mais bella
 Qu'as folhas da rosa;

E o nacar dos labios,
 Da face a bonina,
 Respirão perfumes
 De hua arpa divina;

Retrato de fada
 Nascendo das flores,
 Com doce sorriso
 Fallando de amores.

Mas depressa apagou-se—oh foi mui breve,
 Essa estrella de luz adamantina;
 Muda estatua fiquei—ella sumio-se.
 E quão perto a innocencia está da infamia!
 E não longe a mulher do crime existe!...

Se eu pudéra cuspir-te na face,
E rasgar-te ó mulher esse peito;
Arrojar-te aos sarcasmos da plebe,
E calcar-te o cadaver desfeito;

Se eu pudéra nas sombras da noite,
Em cavernas de feras lançar-te,
E depois co'infernal gargalhada
Ver um tigre cioso a beijar-te;

Se eu pudéra em horrivel celeuma,
Ver-te a braços co'as ondas luctando;
E sem magoa na rocha sentado,
De teus ais me sorrir—e mofando—

E nas vascas iradas das vagas
Ver a furto nas agoas boiando,
Sem derrota qual lenho perdido
Teu cadaver na rocha roçando:

Me julgara cercado d'encantos,
Me julgára colhendo trophéos,
Me julgára igual aos archanjos,
Me julgára mais alto que os céos.

* * *

Uma tarde.

Era tarde, e que tarde tao triste
E minh'alma n'um vago lutava
O' que tarde de grande tormenta
Que no peito dor surda callava !

II

Meus pensares no ceo se perdião
A topar no infinito com Deos,
Era anhellos da morte na terra
Era esp'rança da vida nos ceos.

III

E já seccos meus olhos não tinhão

Doce pranto que as faces regassem
 Nem suspiros já tinhão meu peito
 Qu'em minh'alma o soffrer ameigassem.

IV

Tudo, tudo erão trevas na vida,
 Nem um riso p'ra mim tinha a sorte,
 E prazeres o mundo não tinha
 Que temer me fizessem da morte

V

E o passado era um sonho medonho
 E de luto o futuro trajava
 E o descanso ó meu Deos eu pedia
 Do sepulchro que tanto tardava!

VI

Houve então para mim uma pausa,
 Pausa horrivel do crebro penar,
 Era a morte com sopro fagueiro
 Minha pallida fronte a roçar

VII

No cipreste o sussurro da brisa
 O meu somno de morte emballava
 E das folhas pejadas d'orvalho,
 Triste pranto na lousa atirava.

VIII

Longe, longe era já a existencia,
 Nem amor ou esp'rança já tinha
 Só eu vi os negrumes da campa
 Co' o descanso da morte que vinha.

IX

E eu então exhallei um suspiro!
 D'uma virgem lembrei-me que vira
 Quando a vida p'ra mim tinha sonhos
 Nessas horas da tarde que expira

X

Mas foi breve o suspiro morreo!
 E morreo, lá no espaço perdido;

Só a virgem na campá gelada
Se o ouvisse o houvera acolhido

XI

E o crepusculo da tarde morria
E com elle minh'alma voava
A dormir entre os braços de Deos
E no seio daquella que eu amava.

C.

 PENSAMENTOS.

Sem amor a vida é arida planicie onde o viajor cansado se quer encontra gota d'agoa que o desaltere, ou flor cujo perfume aspire. — amaldiçoado solo só nelle vingão maldições ! —

As lagrimas de outrem cõo no coração do afficto, como orvalho da noite na petala da flor em solo esteril.

Quando o grito do povo echoa em redor do throno — a Magestade é o povo — e o povo é Rei.

 CHARADA.

Elle estava na fragoa da rocha
Seo olhar pelos mares perdendo
Era pobre de todos deixado
Té daquella por quem vae morrendo. — 1

Era filha do poeta dos mares
Era filha do poeta descrido
Era filha do poeta da guerra
Era filha do poeta perdido. — 2

CONCEITO.

Tambem sou tida por fama
Outros me chamão rumor
Nem rumor nem fama sou
Sou toada do cantor.

(Anonimo.)

INDICE DAS MATERIAS.

- Discurso recitado pelo Presidente do INSTITUTO LITTERARIO
ACADEMICO. — pagina 1.
- Direito Publico Constitucional; por R. F. — pag. 5.
- Um recordar ; por C. — pag. 10.
- Poezia — A morte prematura do Illm. Sr. Joaquim Antonio
Pinto Peixoto ; por †††. — pag. 13.
- — O sonho e a vida ; por * *. — pag. 16.
- — A Ignez , traducção do 1.º canto do Child-Ha-
rold ; por J. C. de M. e S. J. — pag. 17.
- — Ella ; por * * *. — pag. 19.
- — Uma tarde; por C. — pag. 20.
- Pensamentos e Charadas. — pag. 23.

